

Universidades Lusíada

Cazetta, Felipe

A action française e sua transição da monarquia orgânica para o colaboracionismo de Vichy (1908-1940)

<http://hdl.handle.net/11067/6739>
<https://doi.org/10.34628/rcbh-k504>

Metadados

Data de Publicação

2022

Resumo

Os movimentos conservadores têm como proposta a afirmação da tradição nacional e o percurso estabelecido do passado ao presente. No caso da Action Française houve a afirmação destes valores firmados na monarquia orgânica, ou seja no corporativismo estabelecido na família como base da sociedade, e no rei como ponto centralizador de forças políticas. Por ser movimento longo, sua configuração doutrinária passou por alteração sob a necessidade de atualização e coerência aos problemas contemporâneos...

Conservative movements propose the affirmation of national tradition and the established path from the past to the present. In the case of Action Française, there was the affirmation of these values established in the organic monarchy, that is, in the corporatism established in the family as the basis of society, and in the king as the central point of political forces. As it is a long-lived movement, its doctrinal configuration underwent changes due to the need for updating and coherence with c...

Palavras Chave

Action française, Fascismo

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ILID-CEJEA] Polis, s. 2, n. 06 (Julho-Dezembro 2022)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T22:53:48Z com informação proveniente do Repositório

A Action Française e sua transição da monarquia orgânica para o colaboracionismo de Vichy (1908-1940)¹

Action Française and its transition from organic monarchy to Vichy collaborationism (1908-1940)

Felipe Cazetta

Doutor em História – UFF (Universidade Federal Fluminense)

Professor de História Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES/Campus São Francisco.

Email: felipecazetta@yahoo.com.br

ORCID: 0000-00002-2110-7531

DOI: <https://doi.org/10.34628/rcbh-k504>

Sumário

1. Introdução

2. Action Française em 1908 e seus projetos conservadores

3. O Fascismo italiano e sua recepção pela Action Française em 1922

4. A Action Française e o Nazismo

5. Do nacionalismo integral ao colaboracionismo de Vichy

6. Considerações finais

Resumo: Os movimentos conservadores têm como proposta a afirmação da tradição nacional e o percurso estabelecido do passado ao presente. No caso da *Action Française* houve a afirmação destes valores firmados na monarquia orgânica, ou seja no corporativismo estabelecido na família como base da sociedade, e no rei como ponto centralizador de forças políticas. Por ser movimento longo, sua configuração doutrinária passou por alteração sob a necessidade de atualização e coerência aos problemas contemporâneos. Deste modo, é proposta analisar as bases doutrinárias da *Action Française* dos primeiros anos do século XX à ascensão do Fascismo. Para tanto, se utilizará como fonte o periódico homônimo ao movimento (1908-1944).

Palavras-chaves: Action Française, conservadorismo, Fascismo.

Abstract: Conservative movements propose the affirmation of national tradition and the established path from the past to the present. In the case of Action Française, there was the affirmation of these values established in the organic monarchy, that is, in the corporatism established in the family as the basis of society, and in the king as the central point of political forces. As it is a long-lived movement, its doctrinal configuration underwent changes due to the need for updating and coherence with contemporary problems. In this way, we analyze the doctrinal bases of Action Française from the early years of the 20th century to the rise of Fascism. For this purpose, the periodical homonymous to the movement (1908-1944) will be used as a source.

Keywords: Action Française, conservatism, Fascism.

1. Introdução¹

O Caso Dreyfus foi o parteiro dos intelectuais com sua definição contemporânea, ou seja,

detentores de reconhecimento pela comunidade, quando, uma vez fora do domínio erudito e/ou acadêmico, passam a tomar parte no debate público². Os principais veículos de mediação entre suas ideias e posições e a arena de embates políticos são as revistas e os periódicos. Estes desempenham papel de suportes de registro de projetos, concepções e divulgação de correntes ideológicas e exercem por isso, igualmente, função de definidores de espaços de sociabilidade por possibilitarem intercâmbio constante, através de debates, respostas, réplicas, entre outras estratégias de diálogo possíveis.

O Caso Dreyfus, citado acima como fato deflagrador do significado contemporâneo de *intellectual*, consistiu no julgamento do oficial francês de origem judaica Alfred Dreyfus, acusado injustamente de espionagem e venda de segredos militares à Alemanha. Ampliando o significado do incidente, o julgamento tomou forma de embate entre a justiça realizada de forma plena e imparcial e o nacionalismo revestido pelo antissemitismo³. Tal debate cívico evidenciou as divisões políticas inerentes aos eruditos e pensadores. Destes choques, como plataforma de defesa do nacionalismo e abertamente anti-Dreyfus, foi criada a Liga da Pátria Francesa, oposta a Liga dos Direitos do Homem. A primeira funcionou como antecâmara da *Action Française* por reunir alguns dos futuros membros do movimento liderado por Charles Maurras, tal como é o caso de Henri Vaugeois⁴,

2 DOSSE, François. *La Marche de las Ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valência: Universitat de València, 2007, p. 66-67.

3 SIRINELLI, Jean-François. *Intellectuelles et Passions Françaises: manifestes e petitions au XX siècle*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1990, p. 37.

4 WEBER, Eugen. *L'Action Française*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1985, p. 34.

1 Este artigo é uma revisão da pesquisa de mesmo nome, publicada originalmente na revista *História Unisinos*.

fundador do periódico *L'Action Française: organe du nationalisme integral*, diário e em operação entre os anos de 1908 a 1944.

O caso Dreyfus forneceu sua contribuição ao repertório nacionalista e antissemita do movimento, que também possuía como propósito o combate ao liberalismo econômico e político, por acreditar na ação corrosiva deste sobre o tecido histórico nacional da França. Como alternativa, investiam em um modelo corporativo inspirado no feudalismo francês, todavia sem o propósito de regressividade ou reprodução do passado. Havia, portanto a construção de um revisionismo histórico que fornecia o mito mobilizador (no sentido soreliano) e inspirador para a inserção do nacionalismo e do antissemitismo em projeto monárquico.

Diante desta elaboração mítica, houve a formação dentro do movimento, de perfis que se mesclavam entre o elitismo e a bases capazes de mobilização popular⁵. O elitismo era confirmado pela proposta de monarquia hereditária, e antidemocrática, no intuito de retirar a França da “anarquia cosmopolita que remete aos estrangeiros de nascimento ou de coração, que governam a França, (...)”⁶. Por outro lado, a hierarquização, as propostas corporativistas, o nacionalismo associado ao antissemitismo e a concepção de um Estado forte faziam que a *Action Française* fosse, nas palavras de René Rémond, “terreno favorável ao fascismo”⁷.

Tais aspectos levaram alguns autores a compreenderem a sementeira do fascismo germinada na França do final do século XIX, e não na Itália do período entreguerra. Sternhell acusa como elementos formadores do fascismo as alianças entre o populismo boulangistas e o antissemitismo do século XIX, assim como o socialismo nacional de Maurice Barrès⁸. Nessa interpretação, passível de críticas diante do risco de teleologismo⁹, a República

de Vichy seria uma consequência do caldeamento ideológico de extrema-direita dos anos 1890. A III República, nestas análises, não passaria de um arco intermediário, unindo as duas pontas.

Diante dos aspectos levantados e das interpretações possíveis através das análises documentais, é objetivo apresentar a trajetória da *Action Française*, do conservadorismo à fascistização. Opta-se pela utilização de fascistização e não fascismo, por compreender a posição de adesão e simpatia ora distante ora efusiva, mas não a conversão ideológica completa de integrantes do movimento de Charles Maurras, de forma majoritária. Como suporte, serão utilizados os números da *Action Française: organe du nationalisme integral* referentes aos anos de 1908, 1922, 1933 e 1940. O ano de 1908 será utilizado para detecção do perfil ideológico e político da formação do movimento, sem a participação das concepções extremistas difundidas no entre guerras. Assim, se poderá mapear as posições inerentes à *Action Française*, e apontar contrastes, tensões e permanências ao longo das séries propostas. A fundação dos *Fasci di combattimento*, em 1919, foi ignorada pelo órgão de informação do movimento de Charles Maurras, e dedicou maiores preocupações com o fôlego revolucionário das experiências socialistas dos países da Europa central. Esta frieza na recepção do surgimento do fascismo enquanto grupo, porém, não se repete em 1922, dando lugar ao entusiasmo na cobertura da Marcha sobre Roma. A emergência de Hitler é interessante para mapear as diferenças de simpatia entre o fascismo italiano e o alemão, em vista do notório antigermanismo da *Action Française*. Sentimento este que se alterou para o conformismo e apoio ao Marechal Pétain¹⁰ durante a invasão nazista à França e ao regime colaboracionista instaurado.

2. Action Française em 1908 e seus projetos conservadores

Conforme citado, a partir da premissa nacionalista, sustentada pelo antissemitismo e pela xenofobia incitados pelo julgamento do Caso Dreyfus, a *Action Française* teceu projeto político inspirado nas tradições históricas da França, ou seja, no passado medieval quando, segundo esta proposta, o corporativismo sobrepujava ao individualismo. Deste modo, o movimento buscava a essência nacional, afastada das “corrupções” vindas do exterior. Necessário é sublinhar que estas narrativas eram projeções ou representações de um passado ficcional, que mais eram coincidentes com os projetos políticos de um Estado desejado, que baseados em uma realidade histórica de fato¹¹.

Deste modo, desejavam o Estado centralizado, sob premissas hierárquicas através da hereditariedade, e um modelo moral e institucional revestido pelo cristianismo de viés autoritário. A partir do conservadorismo e firmados no catolicismo, se desenvolveu a alternativa ao liberalismo que, segundo Maurras, era a porta de entrada para a barbárie estrangeira. Para seu principal mentor “o espírito democrático é protestante ou judeu, ele é semita ou germânico, ele não vêm de nós.”¹²

Dado o antigermanismo presente na *Action Française*, seus membros situavam a origem do liberalismo nas pregações luteranas, em vista da quebra do monopólio da Igreja sobre as sagradas escrituras pelo pregador de Wittenberg, e pela reivindicação do direito de todos em ler a Bíblia. Ao serem levadas para o campo político, tais pregações de Lutero, segundo Maurras, seriam convertidas no individualismo existente na democracia liberal. Assim, se estabeleciam os vínculos entre o protestantismo, o pensamento de Jean-Jacques Rousseau e as correntes políticas e intelectuais presentes na Revolução Francesa.

A aversão à Alemanha e aos alemães pelos membros da *Action Française* é explicada pelas questões diplomáticas que envolviam aquele país e a França nas últimas décadas do século

5 CAVALETTO, Andrea. La monarchie imaginée: sur le royalisme dans l'idéologie de l'Action Française. *Diacronie: studi di storia contemporanea*. n. 16, v. 4: 1-16, 2013, p. 13.

6 “Nous combattons, (...), cette anarchie cosmopolite, qui remet à des étrangers de naissance ou de cœur le gouvernement de la France, (...)” (tradução livre) L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. 1908. Paris, 21 mar., p. 1.

7 RÉMOND, René. *Les Droites en France*. Paris: Aubier, 1999, p. 177.

8 STERNHELL, Zeev. *La Droite Revolutionnaire – 1885-1914: Les origines françaises du fascisme*. Paris: Editions Seuil, 1978, p. 204, 208.

9 TRAVERSO, Enzo. Interpretar o fascismo: Sobre

George L. Mosse, Zeev Sternhell e Emílio Gentile. in. QUADRAT, Samantha; ROLLEMBERG, Denise (orgs.). *História e memória das ditaduras do século XX*. Vol I. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 24.

10 Pétain (1856-1951) foi um herói nacional durante a I Guerra Mundial, recebendo a alcunha de “Leão de Verdun”. Deste modo, no momento de colapso da III República, em decorrência da invasão nazista, os nacionalismos foram polarizados entre Charles de Gaulle – general que incitava à resistência diante da invasão e divisão territorial; e o marechal Pétain, representante do esforço de reorganização do Estado francês e centralização institucional, através do colaboracionismo ao regime nazista.

11 TEIXEIRA, Francisco Carlos. “O Conservadorismo como via para a modernidade”. *Anos 90*. (1996), 7-20, p. 12.

12 MAURRAS, Charles. *Quand les Français ne s'aimaient pas: chronique d'une Renaissance – 1895 – 1905*. 2 ed. Paris: Nouvelle Librairie Nationale, 1916, p. 124.

XIX. A derrota na guerra Franco-Prussiana de 1870 e, como desdobramento, a Comuna de Paris; a ameaça econômica e bélica imposta pelo crescimento industrial do novo Estado; assim como a política expansionista e o dirigismo estatal do modelo de Bismarck, preocupavam os conservadores franceses, ao examinarem o modelo político liberal da III República Francesa. No passado mitificado pela *Action Française*, haveria o predomínio da família sobre o indivíduo. Nesta reconstituição, as contradições entre Capital e Trabalho seriam amortecidas pelas corporações de ofício. Tais propostas flertam com o conservadorismo monárquico autoritário, todavia, se aproximam, embora com maior timidez, de elementos do sindicalismo, através das propostas de organização corporativa. Isso se explica pela trajetória de seus membros.

Maurice Pujo, redator chefe do periódico *Action Française: organe du nationalisme integral* ao longo de suas mais de três décadas de existência, transitou por círculos de esquerda nos finais do século XIX, assim como Henri Vaugois, fundador do periódico. Léon Daudet, por sua vez, diretor político (tarefa posteriormente dividida com Charles Maurras), vinculava-se às sociedades aristocráticas¹³. A migração do movimento para o projeto monárquico se fez com a inserção de Maurras, em busca de modernizar as bases realistas, associando-as ao nacionalismo.

Este processo atualizou a forma de representação do Estado de Antigo Regime, que entendia a autoridade estabelecida e legitimada sobre o direito divino. Na estrutura implementada por Maurras o rei seria mantido, porém sua autoridade seria representada pelo direito natural, associado ao vínculo hereditário com a Nação. Deste modo, o entendimento de povo também foi redefinido como elemento biológico e cultural. A partir daí, foi possível alimentar o nacionalismo através do antissemitismo. Assim, a *Action Française* conseguiu conjugar de maneira bem-sucedida o radicalismo popular existente no nacionalismo antissemita que a revestia, com o culto do monarquismo conservador¹⁴. Todavia (ou, por

“No passado mitificado pela Action Française, haveria o predomínio da família sobre o indivíduo. Nesta reconstituição, as contradições entre Capital e Trabalho seriam amortecidas pelas corporações de ofício. Tais propostas flertam com o conservadorismo monárquico autoritário, todavia, se aproximam, embora com maior timidez, de elementos do sindicalismo, através das propostas de organização corporativa”

isso), a *Action Française* não deve ser interpretada como movimento fascista *avant la lettre*. O conservadorismo, em tese, é tomado pelo pragmatismo, diante da rejeição à abstração das utopias e à ideia de progresso como marcha linear e revolucionária, marcas do Iluminismo e da Revolução Francesa. Deste modo, o passado e a tradição histórica passam a ser os fiadores da ação futura ou, nas palavras de Robert Nisbet, é “um vasto e maravilhoso laboratório para o estudo dos êxitos e dos

insucessos na longa história do homem.”¹⁵. Logo, o pensamento conservador, e portanto sua ação, são voltados à busca no passado de modelo para a construção, planejamento e orientação políticas.

Todavia, quando analisado à luz da vida cotidiana dos movimentos, o conservadorismo ganha formas bastante diferentes da rigidez proposta a tal remissão ao passado como atestado de sucesso. A leitura do passado tornava-se flexível e seletiva para atestar a coerência dos membros da *Action Française* com o que entendiam ser um nacionalismo originalmente francês. Deste modo, as novidades que propunham eram obliteradas pela necessidade de retorno a um passado, ainda que ficcional¹⁶.

Para transmitir suas mensagens a *Action Française* lançava mãos de diversas estratégias editoriais, distribuídas entre livros autorais de seus membros, revistas e jornais de periodicidades diversas. O *Action Française: organe du nationalisme integral* oferece possibilidade de análises variadas em vista de sua longevidade, iniciando atividades em 1908 e encerrando somente ao fim da II Guerra Mundial. Diante disso carrega as transformações sofridas pelo movimento.

Com exceção dos períodos compreendidos pelas duas Grandes Guerras Mundiais quando seus números sofreram reduções, o periódico possuía de três a quatro páginas, onde a página inicial era utilizada para discorrer sobre questões doutrinárias e projetos políticos, associados às questões institucionais da França no contexto. Tal temática se distribuía ora livre, com assinatura do autor, ora na coluna “*Dernière Heure*”.

Nesta última, por vezes, os textos eram apresentados sem assinatura, com um pseudônimo (Rivarol, codinome utilizado por Daudet; Agathon, apelido lançado por Henri Massis; etc), ou em outros casos, com assinatura do membro/autor. A página seguinte era dedicada a assuntos internacionais, como por exemplo na coluna “*Étranger*”, sem um padrão de identificação de autoria. Era esta página também destinada a *Ligue d’Action Française*, com informes de reuniões, festividades ou contribuições. As últimas páginas do pe-

13 CAVALETTO, Andrea. La monarchie imaginée: sur le royalisme dans l’idéologie de l’Action Française. *Diacronie: studi di storia contemporanea*. n. 16, v. 4: 1-16, 2013, p. 6.

14 WEBER, Eugen. *L’Action Française*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1985, p. 42.

15 NISBET, Robert. *O Conservadorismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987, p. 41-42.

16 TEIXEIRA, Francisco Carlos. “O Conservadorismo como via para a modernidade”. *Anos 90*. (1996), 7-20, p. 18.

riódico eram reservadas às atividades culturais/artísticas, esportivas e para publicidades dos patrocinadores. Sob esta configuração, o periódico homônimo ao movimento pode irradiar os aspectos doutrinários e os projetos políticos desejados pelos membros d'*Action Française*.

O movimento defendia a sociedade possuidora de seu núcleo indivisível situado na família, obediente aos valores morais estabelecidos pela religião católica. Deste modo, através de um escalonamento progressivo, o Estado seria o reflexo da família. Ficava evidente a oposição ao individualismo liberal, e ao Estado laico.

Portanto, sustentava no final dos anos 1900 proposta de centralização de Estado, antir-republicano, autoritário, representado na monarquia orgânica e em uma sociedade corporativista. Coerente com tais ideias, Daudet apresentou ser “ainda necessário que a sociedade obedeça regras morais, formadas sobre o ideal religioso, como as avenidas que conduzem a um mesmo centro. A nacionalidade depende da família, e a família está associada ao Estado.”¹⁷ Estado e religião, tal como no Antigo Regime seriam os revestimentos formadores da família, e esta, segundo concepção corporativista, seria componente fundamental do Estado. Em vista de ter sido a República, com destaque ao período da Revolução Francesa, a responsável pela institucionalidade do divórcio, esta seria avessa às bases da família. Para Daudet, e os demais membros da *Action Française* somente a monarquia seria a representante verdadeira da nação francesa, fornecendo, através da hereditariedade, a coesão familiar e da sociedade.

A democracia e o liberalismo trabalhariam contra a unidade interna, não somente da França, como dos países vizinhos. Charles Maurras afirmava ser entre os anos 1789 e 1860 a vaga regressiva das monarquias, sucedidas pelas democracias. Todavia, segundo ele mesmo, de 1860 a 1905 o movimento se inverte, com regimes organizados em torno da disciplina¹⁸. Deste modo, caso a França

se mantivesse sob o modelo democrático, sofreria os efeitos solventes da desagregação promovida pelas disputas partidárias. Por isso a democracia era vista como balcão de negócios e espaço de intrigas e comércio de influências internacionais (ora judaicas ora germânicas) dentre as narrativas conspiratórias existentes no bojo da *Action Française*. Para retirar a França desse processo de crise e solvência Maurras apontava o caminho do nacionalismo, estruturado no projeto proposto de maneira objetiva em 24 de março de 1908, ou seja: “Nós somos nacionalistas: por consequência preocupados com a saúde e o vigor de nossos elementos sociais. Nós somos realistas e por consequência, corporativos: o Rei é o presidente nascido de todas as repúblicas profissionais ou locais, componentes da nação.”¹⁹ Estas impressões políticas foram coerentes ao processo de consolidação político-institucional dos países europeus do início do século XX. À medida que se sedimentavam, os Estados vinculados ao liberalismo político tinham como premissa a anulação dos privilégios provenientes do Antigo Regime, assim como o esforço por se lançar sobre uma nação única, ou pelo menos impor a hegemonia de uma etnia, enquanto modelo nacional, sobre as demais. Deste modo, afloraram os sentimentos de declínio, por parte das classes de perderam seus privilégios nobiliárquicos, assim como se percebeu a indisposição dos grupos que se viam como tradicionais, diante do esforço do Estado por absorver os indivíduos de origem judaica ao modelo de Estado-nação. O antissemitismo foi a fórmula encontrada para as camadas aristocráticas e segmentos conservadores para explicarem os males que acreditavam acometer seus países²⁰. A nacionalização das minorias e a compreensão de igualdade formal tipicamente liberal, anulava as distinções de classe e de hereditariedade

das camadas superiores da sociedade. O racismo, e especificamente o antissemitismo, foi o instrumento encontrado para demarcar as diferenças na busca por entancar o percepção de isonomia democrática²¹.

Tal posicionamento ideológico de estruturação das camadas em grupos hereditários, portanto, excluiu o elemento judeu, culminando na monarquia orgânica, encontrado na *Action Française*, resistiu às crises econômicas e convulsões políticas imediatas à I Guerra Mundial. Talvez a alteração mais sensível tenha sido a crescente preocupação com o avanço do socialismo, que deixou de ser apenas ameaça representada por partidos políticos e passou a se consolidar em projetos revolucionários de sucessos efêmeros na Europa central, porém, bastante concretos para a vizinha França, inspirados pela revolução russa. A revolta espartaquista²² na Alemanha e a experiência de Bela Kuhn²³ na Hungria foram registradas com apreensão no periódico francês, com destaque aos textos de Jacques Bainville, jornalista convertido ao monarquismo durante o Caso Dreyfus.

Assim, nos finais de março de 1919, em lugar de dar espaço à formação dos *Fasci de Combattimento*, ocorrida no dia 23 daquele mês, as páginas do *Action Française* registravam que a Hungria passava para o domínio comunista, e declarava aliança à Rússia bolchevique no intuito de combater a burguesia Tcheca e os proprietários rurais romenos²⁴. Em mesmo

17 “Encore faut il que la société obéisse elle-même à des règles Morales, groupées autour d’un idéal religieux, comme des avenues partant d’un même centre. La nationalité dépend de la famille, et la famille est associée à l’État.” (tradução livre) DAUDET, L.. 1908. Famille et République. L’ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano I, n. 42. Paris, 1 mai., p. 1.

18 MAURRAS, Charles. En cas de Revolution.

L’ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano I, n. 15. Paris, 4 abr., 1908, p. 1.

19 “Nous sommes nationalistes: par consequent préoccupés de la santé, de la vigueur de nos éléments sociaux. Nous sommes royalistes et pour consequent, syndicaux: le Roi est le président né de tous les républiques professionnelles ou locales dont se composent la nation.” (tradução livre). MAURRAS, Charles. Le bien de tous. L’ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano I, n. 4. Paris, 24 mar., 1908, p. 1.

20 ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo: Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 49.

21 ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 208-209.

22 A revolta espartaquista (1919) foi a tentativa de proclamação de uma República socialista na Alemanha, após a derrota na I Guerra Mundial. Karl Liebknecht e Rosa de Luxemburgo, então líderes do movimento, eram provenientes da ala mais radical do Partido Socialdemocrata da Alemanha (SPD). Da liga espartaquista foi criado o Partido Comunista da Alemanha (KPD). Em janeiro de 1919, ocorreu a “semana vermelha”, com uma série de greves e insurreições. Iniciado em Berlim o movimento se estendeu por diversas regiões, no entanto reprimido pelas forças do exército e voluntários monarquistas. Em janeiro de 1919 Karl Liebknecht e Rosa de Luxemburgo foram executados por brigadas para militares (*Freikorps*). MIRANDA, Montgomery. “Espartaquistas”. in. SILVA, Francisco Carlos Teixeira (et. al.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 256-257.

23 Bela Kuhn (1886-1938) foi líder da Revolução Comunista na Hungria durante o ano de 1919. Após a experiência de Kuhn a Hungria vivenciou uma escalada à extrema-direita, inaugurada pelo general Horty.

24 J.B. [Jacques Bainville]. 1919. *Balkanisée, l’Europe*

número, na coluna “*Dernière Heure*”, havia a preocupação com a intensificação da propaganda bolchevique na Alemanha e a inserção das doutrinas comunistas através de escolas e comitês de formação político partidária. As referências à Itália eram de baixa relevância, em vista dos acontecimentos na Europa central e nas fronteiras próximas à França. Em mesma coluna, porém do dia 27 de março, sob o título: “*La Hongrie bolcheviste*” havia o destaque às forças armadas proletárias húngaras, formação revolucionária que suplantaria o exército tradicional. Esta organização militar se chamaria “exército vermelho”, recrutada dentre as fileiras do operariado.

A primeira menção de conhecimento às formações fascistas não se fez em 1919. Todavia, a Marcha sobre Roma será percebida com simpatia por Charles Maurras e companheiros. Deste modo, faz-se necessário passar em revista do processo de emergência do fascismo, para se compreender os divisores comuns estabelecidos pela *Action Française*, sem que esta fosse absorvida ou se transformasse em uma célula fascista francesa.

3. O Fascismo italiano e sua recepção pela *Action Française* em 1922

O fascismo, como ideologia e movimento, exige esforço analítico diante da dificuldade de abordagem sistemática das doutrinas e da configuração em suas diferentes fases. Isso é resultado da inexistência de um arcabouço ideológico coerente e unificado²⁵, tal como o socialismo ou o liberalismo, por exemplo. O fascismo é compreendido, portanto, como fenômeno supranacional, desprovido de matriz única, unidade ideológica ou força mobilizadora comum. Sua ausência de unidade impediu, e impede, de ser um modelo universal, ou ocorrer uma internacional fascista, tal como houve no caso socialista²⁶. Em função de uma base razoavelmente coerente de apropriações e influências, porém, se percebeu análises que contribuíram para o campo conceitual.

Roger Griffin²⁷ busca se posicionar em estudos contemporâneos de forma alternativa às leituras marxistas a respeito da formação e ascensão do fascismo. Em outros termos, o historiador britânico rejeita a interpretação de que o fascismo seria uma reação ao socialismo, alimentada por uma burguesia amedrontada, que utilizava do extremismo de direita como forma de acelerar o capitalismo, potencializando a luta de classes, entendimento dado pelo materialismo histórico para explicar o fenômeno em sua ascensão. De outra forma, o nazismo é apresentado como uma cultura política que buscou a regeneração da comunidade nacional diante do esgotamento do período liberal.

Sternhell, Snajder e Asheri²⁸, similar a Griffin, buscam contornar a luta de classes como mecanismo de compreensão da formação e desenvolvimento do fascismo. Entendem o fascismo como um fenômeno cultural, antes de ser uma potencialidade política. *Grosso modo*, os autores entendem a concepção do fascismo a partir da associação das propostas sociais contempladas no sindicalismo revolucionário de Sorel, com o nacionalismo extremado de Charles Maurras, em contato com a *Action Française*²⁹. Assim, o nacionalismo biológico e o determinismo cultural presentes no fascismo, em suas versões alemã e italiana eram existentes no século XIX e início do XX em autores como Maurice Barrès, Édouard Drumont e Charles Maurras.

A partir deste viés analítico, o fascismo estaria concebido anterior à Primeira Guerra Mundial. Este desvio em seus exames é decorrente da ênfase dada à doutrina, às bases de formação intelectual e aos elementos culturais, em detrimento da consideração do fascismo enquanto fenômeno de massas. A Grande Guerra foi fundamental para ocorrer a politi-

zação das massas, e sem esta, talvez o fascismo existisse apenas como elemento residual, entre as experiências autoritárias ao longo do século XX.

Os aspectos morais estiveram presentes entre as locuções fascistas, e entendiam o Estado como gerador do “Homem Novo”, conforme expectativas de intenções totalitárias³⁰. Todavia, estes não devem ser analisados isoladamente sob riscos de dedicar maior relevo aos aspectos intelectuais e aos “valores espirituais”, e assim, sujeitando as análises a possíveis anacronismos; ou atribuir ao fascismo associação ao conservadorismo, do qual repudiava. Segundo Michael Mann, os conservadores e sua concepção de harmonia orgânica que regulava a ordem social eram tão detestáveis aos fascistas quanto os liberais, por acreditarem que a disputa política regularia as instâncias democráticas³¹. Igualmente odiadas eram as noções socialistas onde a luta de classes e a derrubada do capitalismo poderiam resultar na paz social e através da igualdade econômica.

Embora investissem no nacionalismo, tal como os conservadores, a contrapelo destes os fascistas formaram movimento político e social novo, em vista da forte adesão de propostas modernistas. Por lançarem mãos extensivamente do aparato policial repressivo, as propostas de organização social, controle e mobilização permanente da sociedade, pela figura carismática do líder, em torno do Estado, o ímpeto totalitário (obviamente não concluído) o fascismo foi percebido como fenômeno inédito e historicamente possível somente após a I Guerra Mundial³².

Apesar das bases pouco objetivas, devido à ênfase no caráter imediato e pragmático do fascismo, é possível estabelecer apontamentos ideológicos e perfil de formação e consolidação dos movimentos e regimes fascistas. O procedimento é fundamental, pois assim será possível estabelecer parâmetros de contato e distanciamento entre os movimentos e concepções conservadoras, com destaque à *Action Française*.

centrale se sociétise. L’ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XII, n. 83. Paris, 24 mar., p. 1

25 PAYNE, Stanley. *El Fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1978, p. 28.

26 GENTILE, Emilio. *Fascismo: História e Interpretação*. Madrid: Alianza Editorial, 2002, p. 74.

27 GRIFFIN, Roger. Fascism’s new face (and new facelessness) in the post-fascist epoch. In: GRIFFIN, Roger; LOH, Werner; UMLAND, Andreas (orgs.). *Fascism past and present, West and East: na International debate on concepts and cases in the comparative study on the Extreme Right*. Stuttgart: Press Stuttgart, 2014, p. 40-41.

28 STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia. 1994. *The Birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, p. 3.

29 STERNHELL, Zeev; SZNAJDER, Mario; ASHERI, Maia. 1994. *The Birth of fascist ideology: from cultural rebellion to political revolution*. New Jersey: Princeton University Press, 1994, p. 80.

30 Cf.: SEGRILLO, Angelo. “O Fascismo como ‘totalizante’: uma (herética) tentativa de inflexão marxista em um conceito iminentemente liberal”. In: *Intelector*, ano II, vol. II, n. 4, 2006. Rio de Janeiro: 1-11.

31 MANN, Michael. A ascensão de queda do Fascismo. in. M. PARADA (org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 31.

32 GENTILE, Emilio. *Fascismo: História e Interpretação*. Madrid: Alianza Editorial, 2002, p. 78.

Em ambos houve a importância do Estado e da sociedade orgânica. George Valois, membro do movimento francês, afirmava em 1922 ser o sindicato dos trabalhadores uma necessidade e seria, portanto, importante a organização do renascimento do sindicalismo operário, livre das ações dos políticos e dos intelectuais burgueses³³. De fato, tal concepção era uma entre os projetos e interpretações políticas em disputas no interior da *Action Française*, todavia, forneceu ferramentas para a composição do modelo de monarquismo orgânico, através de bases sindicais, com a possibilidade de inclusão das camadas operárias no projeto de Estado desenhado, apesar do baixo potencial de mobilização desejado pelo movimento. No caso do fascismo, com ênfase ao italiano, as contribuições do sindicalismo revolucionário foram cruciais para imbuir de ação direta e embasada sobre o potencial da violência com finalidades políticas. A partir deste aspecto, houve a possibilidade de arregimentar membros provenientes dos setores mais modestos entre os proprietários rurais. Por outro lado, Mann apontou que se no fascismo italiano o corporativismo foi evidente, na experiência nazista desenvolveu-se um modelo ditatorial mais fluido e “policrático”³⁴. Em ambos os casos, a diversidade étnica (na Alemanha) e cultural (na Itália) eram repudiadas por supostamente ameaçar a unidade orgânica inscrita naquela proposta de nacionalismo. Estes elementos também são encontrados entre os projetos conservadores, conforme percebido no antissemitismo da *Action Française*. Em via oposta, um aspecto que inviabiliza o entendimento do fascismo como conservador é a sua forma de mobilização e a origem da extração de adeptos e militantes. Por se constituir de “baixo para cima” e ter a violência como um dos eixos de sua doutrina, corporificada nas organizações paramilitares desde a origem, o fascismo se distancia do elitismo conservador³⁵, apesar da *Action Française*, posteriormente, investir com relativo sucesso na violência através dos *Camelots du Roi*.

33 VALOIS, Georges. *L'Economie nouvelle: appel aux ouvriers français et a tous les travailleurs salariés*. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XV, n. 302. Paris, 29 out., 1922, p. 3.

34 MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 26.

35 MANN, Michael. *Fascistas*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 31.

A *Marcha sobre Roma* foi a prova de fogo para o tensionamento e a capacidade do conservadorismo receber com simpatia a experiência fascista no interior das fileiras e da doutrina da *Action Française*. Ocorrida de 28 de outubro de 1922, a ação fascista repercutiu imediatamente na organização dos *Camelots du Roi*. O agrupamento composto de estudantes dedicados a vender periódicos do movimento e difundir a doutrina da *Action Française* passou por uma tentativa de conversão voltada para a ação mais enérgica, conforme evidenciou Léon Daudet ao chamado de recrutamento aos *Camelots du Roi*, um dia após a marcha dos fascistas, quando destacava o colapso da democracia e da esquerda, contrapondo com o “amanhecer radiante da monarquia”³⁶. E seguia a convocação: “Estes patriotas devem estar convencidos que nossas organizações – mais poderosas hoje que às vésperas da guerra – respondem a todas as situações e a todas as necessidades. Eu vos conto rapidamente, trata-se de um organismo de ação.”³⁷. Logo, o aspecto marcial, dinâmico e pragmático é destacado.

Por outro lado, o movimento de Mussolini era constantemente alinhado ao reacionarismo, e salientava-se a aprovação da monarquia italiana à iniciativa do fascismo ao poder. Em coluna criada para acompanhar a crise institucional italiana, antes da ascensão de Mussolini, o fascismo foi interpretado como contrarrevolucionário, e com a possibilidade de ser dedicada simpatia em vista da similaridade de alvos, como o comunismo³⁸. Tal interpretação acerca do fascismo se manteve para além

36 “La gauche s’effondre, la démocratie s’effrite. L’aube radieuse de la monarchie apparaît.” (tradução livre) DAUDET, Léon. Vers la Victoire de nos doctrine: Appel pour le recrutement. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XV, n. 302. Paris, 29 out., 1922, p. 1.

37 “Ces patriotes doivent être bien convaincus que nos organisations – plus puissantes désormais qu’elles ne l’étaient a la veille de la guerre – répondent a tous les situations et a tous les besoins. Je les dénombrerai rapidement, en spécifiant qu’il ne s’agit ici que d’organisme d’action.” (grifo do original – tradução livre) La gauche s’effondre, la démocratie s’effrite. L’aube radieuse de la monarchie apparaît.” (tradução livre) DAUDET, Léon. Vers la Victoire de nos doctrine: Appel pour le recrutement. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XV, n. 302. Paris, 29 out., 1922, p. 1.

38 L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. LA CRISE ITALIENNE: LE FASCISME. 1922. Ano XV, n. 301. Paris, 28 out., 1922, p. 2.

dos primeiro meses de governo. O pseudônimo Aventino atribuía ao fascismo a revolução puramente na esfera moral e política, na busca pela manutenção da ordem³⁹. Deste modo, as características revolucionárias foram domesticadas e acomodadas ao conservadorismo típico do autor.

Consonante a isso, a permanência da monarquia no poder, fez do fascismo algo como a concretização parcial dos projetos ambicionados por Maurras e seu movimento. O modelo corporativo, o combate ao comunismo e ao liberalismo faziam do fascismo a projeção futura da *Action Française*, com possibilidade de organização da proposta de uma civilização mediterrânea ou mesmo latina⁴⁰. Portanto, para além da interpretação da manutenção da Monarquia italiana, da aversão à democracia, assim como pela interpretação do fascismo como reacionário, a simpatia da *Action Française* ocorria em relação dos projetos de Mussolini articulados ao Mediterrâneo e ao relevante dado à Itália enquanto nação latina. É através deste discurso que o sucesso do fascismo é explicado pela *Action Française*, conjugado à força e sabedoria de seu chefe, características comuns aos países latinos, segundo Léon Daudet⁴¹. Desta forma, era possível vincular a latinidade à geopolítica, e projetá-la como potência dentro do tabuleiro de forças internacionais, haja visto o sentimento de decadência dedicado à França⁴².

Apesar do esforço lançado pela *Action Française* por apresentar similaridades com o fascismo, Rémond expõe o equilíbrio instável existente na tentativa de aproximação⁴³. Por um lado o prestígio à razão de Estado, o nacionalismo extremado e o primado da força em detrimento do pensamento iluminista eram elementos de aproximação. Porém, o

39 AVENTINO. Lettre de Rome: le gouvernement fasciste et son action catholique. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. n. 2. Paris, 2 jan., 1923, p. 2.

40 MAURRAS, Charles. Politique: II Italie, Angleterre et Méditerranée. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XVI, n. 251. Paris, 9 set., 1923, p.1.

41 DAUDET, Léon. Autour de la Victoire du ‘Fascio’. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XV, n. 304. Paris, 31 out. 1922, p. 1

42 DARD, Olivier. “Charles Maurras, le fascisme, la latinité et la Méditerranée”. *Cahier de la Méditerranée*, n. 95: 1-13., 2017, p. 3.

43 RÉMOND, René. *Les Droites en France*. Paris: Aubier, 1999, p. 203.

distanciamento era notório quando Maurras apontava como elementos fundamentais de sua doutrina a contrarrevolução, a hierarquia dada como natural e parte da tradição, assim como sua desconfiança da participação das massas na política.

Evidentemente, tais aspectos contraditórios não representaram obstáculos a declarações de apoio ao fascismo quando este se impunha sobre o comunismo e demais partidos de esquerda. Ainda no processo de consolidação do poder, após a Marcha sobre Roma, Aventino informava com escárnio que os fascistas “se limitaram a invadir as redações dos órgãos antinacionais e queimar sua literatura em conjunto a velhas mesas e cadeiras. Eu imagino que os comunistas fossem mais ferozes em análogas circunstâncias”⁴⁴.

Todavia, o apoio ao fascismo não se fez de maneira incondicional à ideologia, tratando com indiferença as nacionalidades dos movimentos que ascendessem ao poder, e isso ficou evidente na abordagem dada a Hitler e aos nazistas. Conforme dito anteriormente, o apoio da *Action Française* foi condicionado em grande medida pelo formato corporativo e pela preservação da monarquia, assim como o esforço de percebê-lo como reacionário, aproximando-o desta forma ao movimento de Charles Maurras. Além desses elementos, a latinidade foi um aspecto crucial para a simpatia dos conservadores franceses ao extremismo de direita italiano. Por outro lado, o antigermanismo dos primeiros anos continuou atuante na *Action Française* durante as décadas de 1920 e 1930.

4. A *Action Française* e o Nazismo

Hitler e o nazismo passaram a ser abordados com maior incidência após o *Putsch* de Munique, onde ficou notório para os conservadores franceses a fragilidade da República de Weimer. Na coluna “*Dernière Heure*” era perguntado se o que ocorria era uma golpe de Estado. O fato foi narrado nesta coluna, inicialmente, como uma manifestação patriótica,

“Hitler não foi percebido com o mesmo entusiasmo que Mussolini, pela Action Française. Jacques Bainville compreendeu o chanceler alemão como um espantalho dos magnatas que financiaram sua campanha”

contra o marxismo. Todavia a cerimônia, não foi concluída, pois o “chefe nacionalista Hitler penetrou na sala à frente de 600 homens e declarou que o governo se encerrava ali.”⁴⁵. Consolidado o golpe, como novos ocupantes dos postos de liderança estariam o general Ludendorff, agora chefe supremo e o próprio Hitler como conselheiro político. Ao contrário do esperado, o *Putsch* resultou na rendição do general, e fuga, seguida de prisão, de Hitler. Tais instabilidades confirmariam para a *Action Française* que a democracia e o socialismo operavam em consórcio para a fragmentação do Estado e a Alemanha era o exemplo. O nacional-socialismo passou a ter maior presença entre as páginas do periódico a partir do fracasso de Munique.

O nazismo foi o desdobramento de radicalismos multiformes existentes entre os finais do século XIX e início do XX, portanto, não era o único representante das correntes de extrema-direita na Alemanha. Similar ao fascismo italiano, o congênere alemão era contrário ao

racionalismo iluminista, ao conservadorismo, ao liberalismo e ao marxismo, com avaliação positiva da violência. Todavia, isso não impediu que ambos negociassem com as elites políticas e econômicas para alcançarem ao poder⁴⁶.

Hitler não foi percebido com o mesmo entusiasmo que Mussolini, pela *Action Française*. Jacques Bainville compreendeu o chanceler alemão como um espantalho dos magnatas que financiaram sua campanha⁴⁷. Apesar de Hitler enfatizar em suas propostas de governo bases importantes ao conservadorismo francês, tais como a proteção do cristianismo e aos valores morais da família, sua atuação era vista como pouco original, pois “Hitler não é sem dúvida Júlio César, nem Bonaparte, nem Bismarck, nem Mussolini”⁴⁸. Afirmava-se que os pontos relevantes de suas propostas políticas e econômicas estavam presentes ora em Stalin ora em Mussolini, não passando de uma imitação inferior desse último⁴⁹.

Se no exterior Hitler não era unanimidade, o fanatismo e a adoração ao fúhrer também não eram partilhados pela maioria da população alemã. Em sua trajetória ao poder Hitler encontrou acolhida entre seus financiadores capitalistas pelas suas iniciativas de repressão aos movimentos de esquerda e pela regressão do desemprego, e não pelos rituais e cerimônias que envolviam gritos de guerra, braços estendidos e marchas uniformizadas. Isso fica em evidência quando se percebe a complexidade de interesses de grupos distintos, no interior do governo nazista. Kershaw destaca dentre esses grupos de pressão no interior do regime: o próprio movimento nazista, a administração estatal, o exército, o grande empresariado e a polícia⁵⁰. Portanto, o hegemonia do nazismo se fez sustentada por estes personagens, tão somente enquanto seus interesses foram atendidos, ou encontravam no nazismo

44 “On s’est contenté d’envahir les redactions des organes antinationaux et de brûler leus litterature en compagnie de quelques vieilles tables et chaises. J’imagine que les communistes eussent été plus ferores em analogue circonstance.” (tradução livre). AVENTINO. Lettre de Rome: le gouvernement fasciste et son action catholique. L’ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. n. 2. Paris, 2 jan, 1923, p. 2.

45 “M. de Khar venait de terminer son discours lorsque le chef des naciolaistes Hitler a penetre dans la salle à la tête de 600 hommes et a declare que le gouvernement etait reversé.” (tradução livre) L’ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Est-ce le coup d’État – a Munich, Hitler annonce que Ludendorff prend le pouvoir. Ano XVI, n. 312. Paris, 9 nov., 1923, p. 3.

46 PAYNE, Stanley. *El Fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1978, p. 35.

47 J.B. [Jacques Bainville]. Le conducteur conduit. L’ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXVI, n. 35. Paris, 4 fev. 1933, p. 1

48 J.B. [Jacques Bainville]. L’ ‘En avant’ du chancelier Hitler. L’ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXVI, n. 33. Paris, 3 fev. 1933, p. 1.

49 J.B. [Jacques Bainville]. Hitler et ses premiers actes. L’ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXVI, n. 49. Paris, 18 fev., 1933, p. 1.

50 KERSHAW, Ian. *Hitler: Um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 112.

seu porto seguro. Por outro lado, o sucesso do nazismo, segundo Ian Kershaw, consistiu justamente na obstrução de canais alternativos de informação, e progressivo monopólio do partido aos veículos de propaganda e comunicação⁵¹.

Isso é confirmado por Bainville, em uma das poucas passagens elogiosas a Hitler. Trata-se da narração da ofensiva contra a social democracia e ao marxismo, ao cumprir seu programa de política interior⁵². Porém, o chanceler era acusado de comunicar-se como chefe de partido, e não como líder de governo que era. Este era o curso da intenção totalitária, de eliminação de alternativas políticas, através da imposição do partido único, e assim, não haveria distinção entre falar à nação ou aos seus correligionários.

Maurras sustentou sua posição antigermânica, tal como Bainville, mas Daudet percebia pontos positivos no regime de Hitler, e mesmo no experimento russo. O elo estava mantido na consonância ao projeto de monarquia orgânica e o Estado forte. Deste modo, Daudet percebia nova configuração de regimes políticos, alterando a força das democracias parlamentares no globo⁵³. Dentro dessa nova ordem estariam Itália, Alemanha e Rússia, fazendo frente aos modelos conservados em França, Inglaterra e Estados Unidos. Indo além, Daudet reforçou o poder hitlerista, ao lançar a hipótese de se o Caso Dreyfus ocorresse na Alemanha, não haveria um minuto de hesitação “em aniquilar cem mil judeus, se Hitler desse a ordem”⁵⁴.

Se Daudet naturalizava, Bainville por sua vez, via com espanto a violência aplicada aos judeus pelos nazistas. Antes da famigerada Noite dos Cristais de 1938, já havia a crítica à depredação e pilhagens das lojas dos ju-

deus. Condenava-se também o êxodo aos pogroms⁵⁵. Portanto, a sociabilidade, tal como a cultura política existente e compartilhada entre os membros da *Action Française* possuía elementos internos heterogêneos e, por vezes, conflitantes, sem que com isso resultasse em rupturas.

Incômodo comum dentre os membros do movimento francês era a concorrência entre a liturgia nazista e a cristã, com interesse da primeira fundar uma religião cívica, acompanhada do armamentismo robusto e nítido da Alemanha, em detrimento da fragilidade francesa, em meio às crises internas. Havia a percepção de que Hitler mobilizava a indústria bélica para um novo conflito. Deste modo, as opiniões iniciais que retratavam Hitler como fraco, medíocre e fantoche foram alteradas, percebendo-o como “über-Bismarck”⁵⁶, acompanhadas do temor dos desdobramentos de projetos políticos germânicos nacionais e externos. Tais posturas foram confirmadas com a invasão de Paris em 1940 pelas tropas nazistas.

5. Do nacionalismo integral ao colaboracionismo de Vichy

O final da década de 1930 foi cenário da retração da participação da França na balança geopolítica do continente europeu. Crises econômicas e políticas internas e a progressão do potencial ofensivo da Alemanha fizeram a ideia de uma ditadura ou governo de “salvação nacional” ganhar adesão não apenas dos setores tradicionalmente de extrema-direita. Propostas antidemocráticas se expandiram para além dos setores tradicionalmente extremistas e/ou conservadores.

A crise se ampliava diante do temor exacerbado do socialismo soviético, igualando-o às instabilidades oferecidas pelas investidas nazistas. Como forma de equilibrar a perda de força, politicamente a estratégia de simpatia a Mussolini era vista de modo geral como alternativa. A simpatia ao fascismo italiano não deve ser vista como oportunismo político, mas

aliança à projeção do modelo mais desejado e possível, assim como o investimento em construir uma civilização latina no pós II-Guerra. Esse projeto foi alimentado por Maurras e seus correligionários⁵⁷.

No caso da *Action Française* o nacionalismo extremado trouxe ao erro de cálculo sobre a disposição das forças em conflito durante a II Guerra Mundial. Daudet afirmou, três dias depois da invasão à França, em 13 de maio de 1940, que a queda da Alemanha era certa, e o resultado disso, tal como em 1918 seria sua decomposição. Apostava também em uma guerra de curta duração⁵⁸, errando em suas previsões.

Durante a invasão nazista, as censuras esporádicas do início do enfrentamento passaram a ser frequentes, o que inibia a regularidade do periódico em relação ao número de páginas, e posteriormente, a frequência de lançamento de seus números. O rigor das condições oferecidas forçou à migração de todo o processo de edição e impressão, de Paris para Limoges em 10 de junho. Tal informe foi dado por Maurice Pujo⁵⁹, redator chefe do *Action Française*, onde já previa o êxodo dos jornais da capital para o interior, porém, não poderia supor que seria em decorrência do bombardeio aéreo de Paris por forças nazistas. No número em que escrevia (de 19 de junho a 1 de julho), a rendição da França era encaminhada, com a assinatura do armistício em 22 de junho inaugurando a República colaboracionista de Vichy. A ocupação teve como consequência não somente o inconveniente do deslocamento completo do jornal, mas a interdição da organização e seus braços como a *Ligue d'Action Française*. Mesmos nas zonas livres as seções eram privadas da liberdade vislumbrada em situação anterior. De um modo ou de outro, o contato e o trânsito de informações foi dificultado de maneira sem precedentes⁶⁰.

Consolidada a rendição da França, a postura do movimento do periódico alteram-se. É perceptível a abdicação ou, na melhor das hi-

51 KERSHAW, Ian. *Hitler: Um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 93.

52 J.B. [Jacques Bainville]. *Hitler et le socialisme*. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXVI, n. 39. Paris, 8 fev., 1933, p. 1.

53 DAUDET, Léon. *Allemagne hitlérienne et Russie soviétique*. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXVI, n. 35. Paris, 4 de fev., 1933, p. 1.

54 Aussi, je pense pas une minute que dans l'érethisme où est l'Allemagne, ele hésiterait une minute à égorger cent mille Juifs, si Hitler lui en donnait l'ordre, (...).” (tradução livre) DAUDET, L., 1933b. *Le duel Juif-Allemand*. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXVI, n. 95. Paris, 5 abr., 1933, p. 1.

55 J.B. [Jacques Bainville]. 1933b. *Hitler et ses premiers actes*. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXVI, n. 49. Paris, 18 fev. 1933, p. 1

56 DAUDET, Léon. *M. Mussolini mène le jeu*. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXVI, n. 201. Paris, 20 jul. 1933, p. 1.

57 WEBER, Eugen. *L'Action Française*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1985, p. 462.

58 DAUDET, Léon. *Pronostics vérifiés*. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXXIII, n. 134. Paris, 13 de mai. 1940, p.1.

59 PUJO, Maurice. *La Quinzaine Tragique*. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXXIII, n. 171. Limoges, 19 jun - 1 jul. 1940, p. 1-2.

60 WEBER, Eugen. *L'Action Française*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1985, p. 501.

póteses, o arrefecimento da proposta de monarquia orgânica, católica e antirrepublicana, para a adesão ao Governo de Vichy, e apoio incondicional ao seu líder. Isso foi apresentado por Charles Maurras, quando não apontou “outra sorte que a unidade nacional em torno do marechal Pétain e seus colaboradores.”⁶¹. No governo do marechal estiveram presentes alguns nomes vinculados ao movimento como responsáveis pelo discurso de Pétain ou organizando sua agenda, além de postos secundários dentro da administração de Vichy⁶² de modo a ocuparem o poder, sem a necessidade da Monarquia Corporativa original dos primeiros anos do movimento.

6. Considerações finais

Ainda que o conservadorismo se firme em retórica como profundamente pragmático, é necessário que o conjunto simbólico e identitário, que os modelos do passado e projetos políticos correspondam às perguntas contemporâneas a cada geração. Passadas pouco mais de três décadas, o periódico da *Action Française* experimentou esta prova de fogo, com tensionamentos decorrentes da I Guerra Mundial e da crise de 1929, assim como sucessões de crises políticas específicas à França. Porém, seu projeto orgânico de sociedade e disposição política, o desejo de um Estado forte e centralizado construíram bases proto-fascistas que funcionaram como condutores para a recepção simpática da experiência de Mussolini ao poder, porém, de forma traumática após a invasão de Hitler e rendição, inaugurando o colaboracionismo de Vichy. Apesar do constrangimento por reconhecer a derrota, os membros da *Action Française* prontamente se posicionaram favoráveis a Pétain e seu governo satélite dos nazistas, apesar do antigermanismo de parte relevante de Maurras e seus correligionários.

Assim, percebe-se que a *Action Française* não foi o fascismo em si como pensou Sternhell, mas preparou bases teóricas e doutrinárias

para que este se desenvolvesse, justamente por não possuir a mobilização de massas e a capilaridade exigida pelos *fasci de combattimento*. A violência também não se manifestou como ferramenta política efetiva entre os franceses como se fez nos camisas negras italianos. Mas o investimento na latinidade ou em uma civilização do mediterrâneo, alimentado por Maurras, as propostas corporativas e de Estado centralizado contribuíram para a aproximação da *Action Française* ao fascismo italiano, sem que houvesse a mesma habilitação do nazismo espontaneamente.

61 “Nous n'avons d'autres chances que dans le maintien fier et fort de l'unité nationale incarnée par le marechal Pétain et ses collaborateurs.” (tradução livre) MAURRAS, Charles. Une déclaration de Charles Maurras. L'ACTION FRANÇAISE: organe du nationalisme integral. Ano XXXIII, n. 171. Limoges, 19 jun - 1 jul., 1940, p. 1.

62 WEBER, Eugen. *L'Action Française*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1985, p. 487.